

EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

O desenho revela a cidade, constrói a linguagem

The act of drawing reveals the city, builds the language

El dibujo revela la ciudad, construye el lenguaje

FIALHO, Valéria Cássia dos Santos

Professora Doutora, Centro Universitário Senac – SENAC SP, Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP,
Brasil; e-mail: valeria.sfialho@sp.senac.br

O desenho revela a cidade, constrói a linguagem

The act of drawing reveals the city, builds the language

El dibujo revela la ciudad, construye el lenguaje

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados obtidos com alunos ingressantes no curso de Arquitetura e Urbanismo, na disciplina Desenho de Observação, em exercícios de vivência e leitura da cidade. Nestes exercícios busca-se o desenvolvimento da percepção do aluno a partir do conceito do desenho como linguagem, envolvendo o conhecimento e a representação do universo físico e sensorial através de registros gráficos. O desenho, e a experimentação através dele, se transforma em ferramenta de conhecimento, estimulando a sensibilidade através da educação do olhar. A disciplina parte do pressuposto que o desenho é a síntese gráfica de uma intenção, devendo ter como referência o repertório cultural constituído pelo aluno, adquirido através da constante exercitação individual. Assim, nas vivências inaugurais do curso, o aluno apreende o mundo que o cerca e a cidade, que será sua matéria prima essencial, a ele se revela.

PALAVRAS-CHAVE: desenho, linguagem, expressão, cidade

ABSTRACT

This article presents the results obtained with first year students in the discipline "Observation Drawing" in an Architecture and Urbanism course, with special focus on exercises of visual reading in the city. In these exercises we seek to develop the student's perception from the concept of drawing as a language, involving knowledge and representation of the physical and sensory universe through graphic records. The act of drawing and experimentation turns into a knowledge tool. The course assumes that the drawing is a graphical summary of an intention and should be referenced to cultural repertoire composed by student, acquired through constant individual drilling. With these experiences the student perceives the world around him and the city, which will be your essential raw material, it is revealed.

KEY-WORDS: city, drawing expression, language

RESUMEN:

En este artículo se presentan los resultados obtenidos con estudiantes de Arquitectura y Urbanismo en la disciplina de Dibujo, con especial atención a ejercicios de lectura gráfica en la ciudad. En estos ejercicios buscamos desarrollar la percepción de los estudiantes a partir del concepto de dibujo como un lenguaje, que implica el conocimiento y la representación del universo físico y sensorial a través de los registros gráficos. El diseño y la experimentación se convierten en herramienta de conocimiento, fomentando la sensibilidad. El curso asume que el dibujo es un resumen gráfico de una intención, y se debe hacer referencia al repertorio cultural adquirido por el alumno. Por lo tanto, en las experiencias del curso, el alumno percibe el mundo y se revela la ciudad, que será su materia prima esencial.

PALABRAS-CLAVE: ciudad, dibujo, expresión, lenguaje

1.

Receber os alunos ingressantes de um curso de Arquitetura e Urbanismo é um desafio. Cativar um alunado jovem, indeciso e cheio de expectativas e prepará-lo para os próximos cinco anos de suas vidas, que certamente mudarão sua percepção de mundo, e para os desafios da formação profissional é tarefa árdua e que carrega grande responsabilidade, mas, acima de tudo, prazerosa.

Para este aluno o futuro que o aguarda depois deste período intenso será o da percepção do mundo que o cerca sempre com “olhos de arquiteto”. E este “olhar”, que vai alimentar sua apreensão e interpretação de mundo, é, fundamentalmente, guiado pelo “desenho”. O desenho que vai além daquilo que se vê, enxergando não só o visível mas também aquilo que é impalpável e que será, inevitavelmente, por seu ofício, transformado.

Tradicionalmente, nos cursos superiores brasileiros, o primeiro ano de formação do arquiteto urbanista apresenta uma carga intensa de disciplinas de representação - Desenho de Observação, Geometria, Matemática, Plástica, Modelos, entre outras. O aluno, neste período inicial de formação, é “realfabetizado” numa linguagem que é a primeira que desenvolvemos: o ato de representar o mundo graficamente.

Todos rabiscamos nossas primeiras percepções de mundo, intuitivamente, com o ato de desenhar, de deixar algum vestígio marcado sobre uma superfície plana. Que o digam nossas mães que limpavam tantas paredes, tampos de mesa, roupas e brinquedos, que receberam nossas primeiras impressões (a giz, caneta hidrocor e o que mais estivesse disponível) do universo que nos cercava, daquilo que nos era compreensível e valioso (as primeiras representações dos pais, da casa). E vale lembrar que, ainda que fortemente proibidos do ato (sobretudo nas paredes caiadas da sala de estar), a necessidade de expressão, sempre imperativa, nos dava o necessário apoio à transgressão (e a eventuais palmadas).

Nosso ensino fundamental, com raras exceções, na necessidade de alfabetização e padronização do conhecimento e da sociabilidade, por muitas vezes negligencia esta linguagem em detrimento da alfabetização tradicional, do bê-á-bá da cartilha, das aulas de português, matemática, história, geografia. Perdemos, ou pensamos perder, a habilidade de desenhar e tal ação passa a ser secundária e submetida, quase sempre, ao uso da palavra.

Porém, em alguns de nós (talvez muitos), mantém-se o desejo de especular o mundo pelas imagens, pelas formas, pela relação dos objetos e do homem com o espaço que os circunda. Alguns escolhem o ofício do arquiteto. E estes devem recuperar a habilidade de desenhar o mundo.

E é neste contexto que voltamos ao primeiro ano do curso de Arquitetura e Urbanismo, ao aprendizado da linguagem gráfica e àquele aluno que nos chega jovem, tímido e com medo do papel em branco e que sonha em projetar espaços e transformar a realidade.

Mas, antes de projetar espaços, há que entendê-los, vislumbrá-los, senti-los, experimentá-los, desenhá-los. E então voltamos ao desafio de encaminhar, informar e instrumentar este indivíduo para o ofício.

Neste contexto, a disciplina Desenho de Observação, que é o objeto desta reflexão, é



fundamental ao subsidiar o aluno para a redescoberta de suas capacidades de representação. Mas a representação que é, acima de tudo, a intuitiva, fruto da experiência, da tentativa e do erro. Não é apenas a compreensão do mundo matemático que explica a geração e comportamento das formas no espaço, não é a geometria descritiva que organiza este saber com seus diedros e planificações. A linguagem normatizada dá cabo de grande parte da comunicação necessária à prática do ofício, com suas plantas, cortes, elevações e perspectivas, mas não consegue suprir a demanda da percepção, do desenvolvimento e aprimoramento do raciocínio espacial e da experiência.

Enfrentamos ainda, os professores, além do desafio de receber um aluno que “desaprendeu” o desenho, um cidadão que pouco conhece a cidade em que vive. Fruto da vida em cidades como São Paulo, que cada vez mais se configuram como conjunto de espaços murados, de exclusão, cidadãos dos “shopping centers”, dos condomínios, das salas de cinema, dos jogos de videogame e do “facebook”, grande parte desta geração perdeu o contato com a cidade, com a vida urbana, com seus espaços.

É intrigante como cada vez mais vivemos num mundo que usa a imagem como instrumento de comunicação e afirmação social (com milhões de fotografias postadas nas redes sociais diariamente) mas, inversamente, cada vez menos conseguimos construir um vocabulário gráfico personalizado. O ato de fotografar se tornou rápido e descartável. O demorado e intimista ato de desenhar quase impensável.

É neste sentido que, da experiência de anos trabalhando com esta disciplina, vem a percepção dos resultados promissores de um exercício específico, no qual os alunos são desafiados a conhecer e reconhecer a cidade em que vivem a partir de pequenas expedições, devidamente registradas e refletidas pelo ato de desenhar.

Não é prática nova, nem tampouco inovadora. Quão sedutores e didáticos são os cadernos de croquis dos mestres, resgatados de seus arquivos e extensamente publicados. Aalto, Costa, Corbusier, Mendes da Rocha, Niemeyer, Wright ... e a lista seguiria por longas páginas e em tempos diversos. Porém, é prática que não pode ser esquecida, sobretudo em tempos em que, como já mencionado, a imagem fotográfica que nos acompanha o tempo todo corre o risco da banalização, tantas são as referências, os registros, os compartilhamentos, seguidores e “curtidas”.

Vale aqui uma breve interrupção, para contextualização. Os casos aqui apresentados são resultado de uma disciplina - Desenho de Observação - ministrada no primeiro semestre do Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Senac. Neste recorte de universo, muito específico, recebemos um alunado muito diverso, com experiências de linguagem tão distintas quanto díspares. A primeira impressão que se tem é a de que o aluno mal consegue traçar linhas no papel e que enfrenta a todo tempo um misto de insegurança e estranhamento.

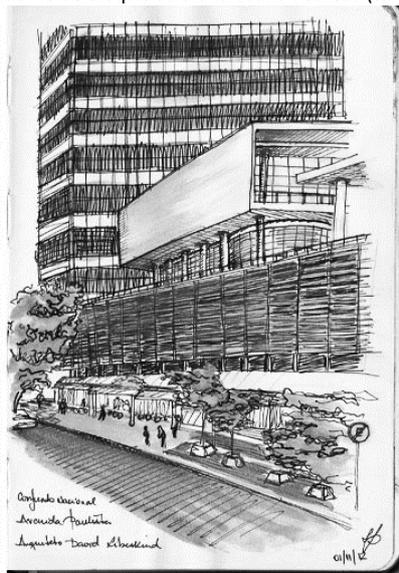
Desta forma, a disciplina se organiza em módulos de aprendizagem, que partem de exercícios muito simples, que trabalham com a apreensão de formas no espaço, passando por exercícios que trabalham a questão da percepção de elementos, suas relações e proporções, es elementos da natureza, a figura humana, até o trabalho de campo, onde o aluno é instigado a observar e representar tudo que o cerca, e para o qual deve carregar seu mais novo e indispensável companheiro de jornada: o cadernos de croquis.

Esta sistematização gradativa se faz necessária justamente por conta deste universo específico

e é importante destacar que os resultados e considerações neste relato são baseados na prática e nos acertos e erros cotidianos, no contato direto entre alunos e professores em sala de aula.

Nesta sequência e na opção pelo “caderno diário” (o caderno de croquis passa a ser um companheiro fundamental), o aluno vai ganhando autonomia, desenvolvendo uma linguagem pessoal, intransferível e incomparável, onde não existe juízo estético, apenas significado.

Figura 1: caderno de croquis da aluna Luana Pedrosa (turma de 2012)



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2012.

O croqui talvez seja o elemento de representação mais emblemático da arquitetura e, como já mencionado, é quase impossível deixar de registrar os singelos e expressivos esboços que acompanham a trajetória de nossos mestres. Nossa historiografia inclusive registrou com muito mais frequência estes esboços do que o detalhamento de muitos projetos já que os desenhos normatizados, de trabalho (plantas, cortes, elevações, detalhes), por mais fundamentais que sejam para a concretude da arquitetura, não carregam a mesma capacidade retórica. As possibilidades comunicativas deste tipo de expressão gráfica, aliada à sedutora imagem de síntese que carregam, certamente são fatores importantes a considerar.

Os croquis, convertidos em elementos fundamentais para o entendimento e explicitação das intenções de projeto, tornaram-se parte integrante dos memoriais de projeto, das publicações especializadas. São utilizados pela maioria dos autores para reforçar a presença do gesto arquitetônico, da posição do autor. São instrumentos de análise, criação e reflexão. Porém, mais importante do que tal status adquirido, são ferramenta poderosa de formação.

É desta crença que surge a proposição para esta disciplina de um exercício síntese final, no qual o aluno é inquirido a realizar uma Reportagem Gráfica (RG) – e aqui o termo brinca com o RG (registro geral) que todos os cidadãos brasileiros devem ter e que é a nossa prova de existência social – de determinados edifícios emblemáticos, espalhados pela cidade.

Objeto eminentemente social, a arquitetura constrói o habitat e deixa marcas na cidade, nos usuários e também em seus autores. É, portanto, instigante não só como atividade profissional, mas como objeto de estudo, num campo de conhecimento que mescla teoria e prática, valor artístico e utilidade. Reconhecer esta cidade, na figura de edifícios referenciais, não poderia

configurar melhor oportunidade para o exercício da representação.

Assim, a partir da escolha de obras espalhadas pela cidade, cada aluno vai desenvolver uma narrativa visual construída a partir de sua percepção da cidade, alimentada pela capacidade de representar aquilo que o cerca.

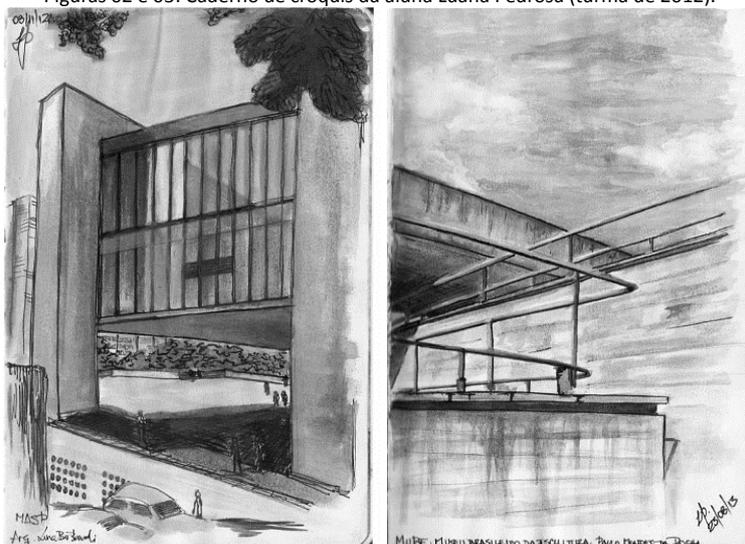
A escolha dos edifícios não é aleatória, e a lista de “sujeitos” apresenta ao aluno obras emblemáticas da cidade: o Museu de Arte de São Paulo - MASP e o Sesc Pompéia de Lina Bo Bardi, o Museu Brasileiro da Escultura - MUBE e a Pinacoteca do Estado de São Paulo de Paulo Mendes da Rocha, o conjunto de edifícios do Parque Ibirapuera e o Memorial da América Latina de Oscar Niemeyer, o Centro Cultural São Paulo – CCSP de Luiz Telles e Eurico Prado Lopes, o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAUUSP na Cidade Universitária de Vilanova Artigas, entre outros.

A lista de possíveis objetos de estudo, ainda que não aleatória, não é estanque, já que tenciona apresentar ao aluno diferentes tipos de edifícios, diferentes autores, lugares diversos da cidade. A partir de um elenco diverso de opções, estes objetos passam a fazer parte do cotidiano destes alunos e a simples eleição do “sujeito” a ser explorado já faz parte, ainda que intuitivamente, do discurso de cada um. A escolha dos edifícios, porém, é bem menos importante que a experiência da vivência e do registro.

E cada aluno elege assim seu objeto de estudo. E elege seu percurso e o que quer mostrar do edifício. E assim espera-se que o aluno entenda que ao visitar, percorrer, observar e desenhar, desvenda os mistérios de cada edifício, escuta o discurso sussurrado por cada um destes edifícios e relata, sob seu particular e único ponto de vista, aquilo que o cativou e que vai fazer parte de seu repertório e de seu olhar de arquiteto sobre a cidade. Tal experiência constrói um diálogo raro entre o objeto e seu observador.

Nas figuras 02 e 03, abaixo, vemos o caderno de croquis de uma aluna, com o registro das primeiras impressões de alguns edifícios sugeridos para leitura (o Museu de Arte de São Paulo - MASP e o Museu Brasileiro da Escultura – MUBE), antes de eleger o objeto de estudo da Reportagem Gráfica – RG. É um registro ainda livre e pouco refletido, mas no qual já se delinea timidamente, a expressão de seu autor.

Figuras 02 e 03: Caderno de croquis da aluna Luana Pedrosa (turma de 2012).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2012

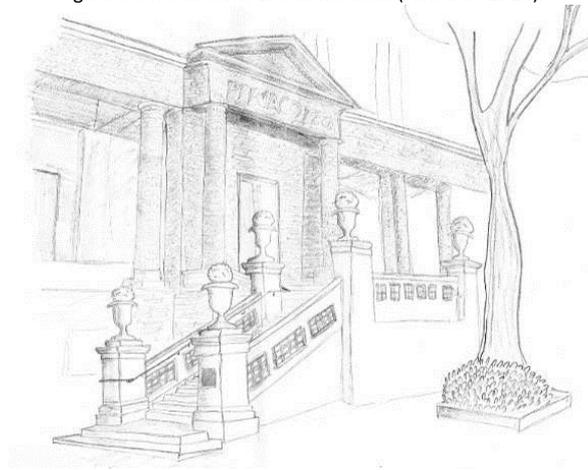
É a totalidade formada pelos elementos que dá o sentido à representação. Cada autor carrega consigo suas preferências e sua forma particular de registrar suas ideias. É um processo de escolha. Diferentes desenhos carregam diferentes graus de abstração e a escolha destes níveis também é fator preponderante na compreensão do processo.

2.

A seguir, serão apresentados alguns resultados deste exercício específico, realizados a partir de 2010, quando a disciplina em questão começou a ser ofertada no recém criado curso do Centro Universitário Senac.

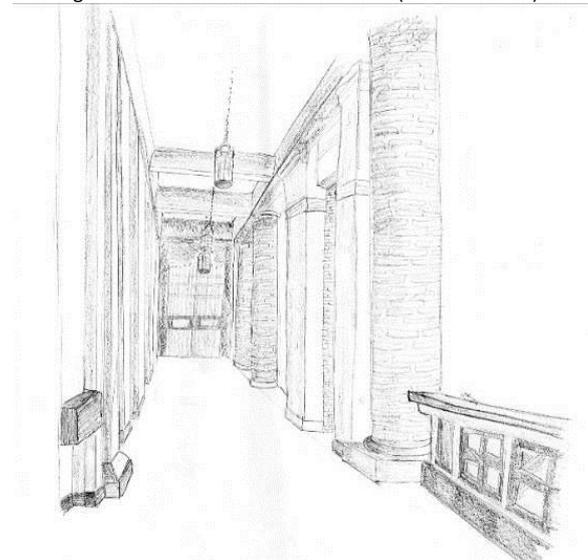
Nesta primeira série de imagens (figuras 04 a 09) veremos partes da reportagem de três alunas (de três turmas distintas) da Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Parque da Luz:

Figura 04: RG da aluna Letícia Miranda (turma de 2013).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Figura 05: RG da aluna Letícia Miranda (turma de 2013).

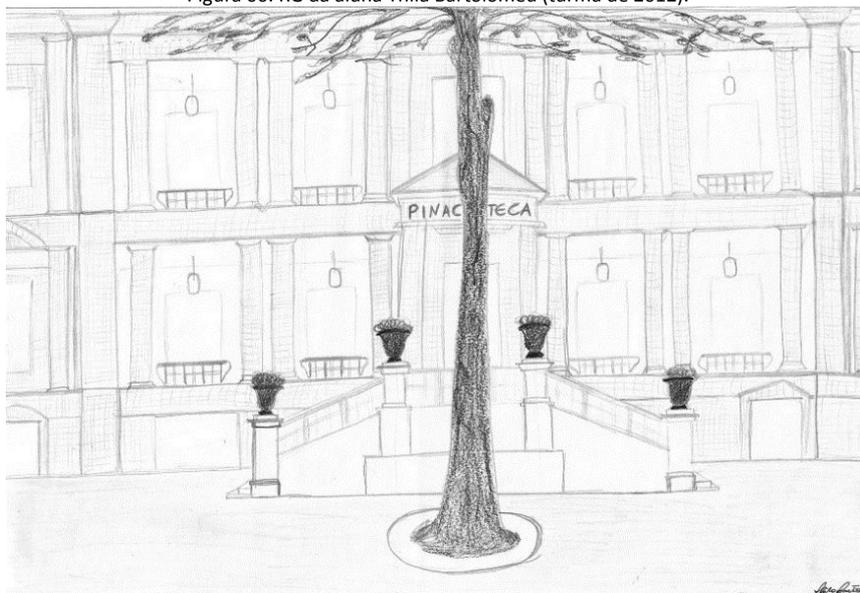


Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Nas figuras acima (04 e 05) podemos perceber o destaque para a representação dos acessos e circulação. O mesmo destaque acontece nas imagens abaixo (06 e 07), porém com abordagem distinta, sobretudo na opção por uma perspectiva mais monumental.

O objeto representado se transforma pelo olhar de seu interlocutor.

Figura 06: RG da aluna Thila Bartolomeu (turma de 2012).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2012

Figura 07: RG da aluna Thila Bartolomeu (turma de 2012).

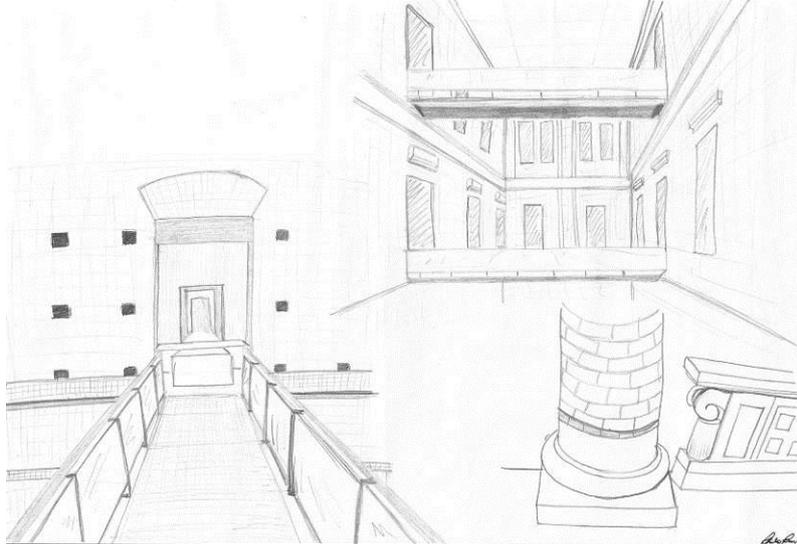


Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2012

E tal processo, de tradução, poderá se repetir infinitamente, sempre com resultados distintos. O aluno começa a perceber, pela diversidade de resultados compartilhados, que não existem

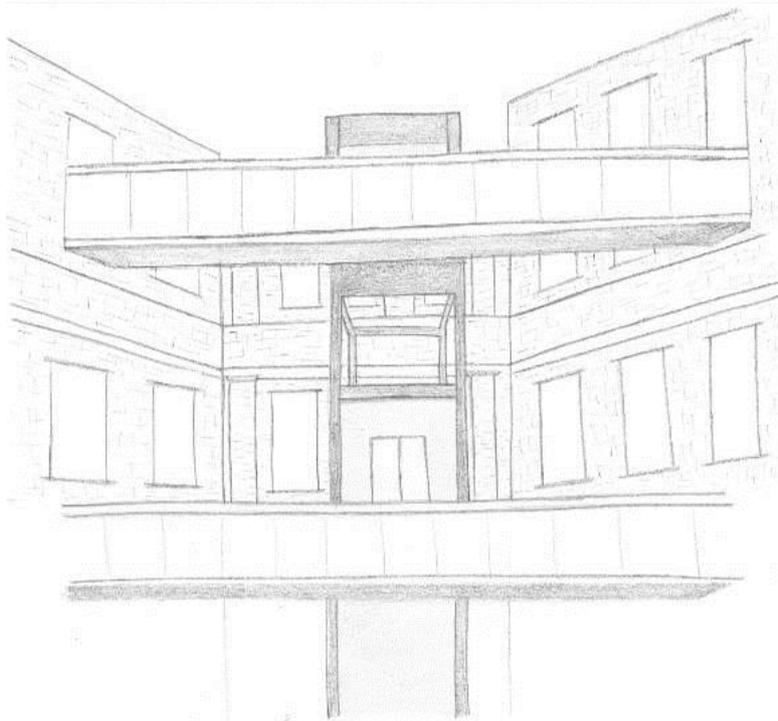
desenhos mais ou menos corretos, mais ou menos belos, mas apenas diferentes pontos de vista, diferentes discursos, percepções distintas.

Figura 08: RG da aluna Thila Bartolomeu (turma de 2012).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2012.

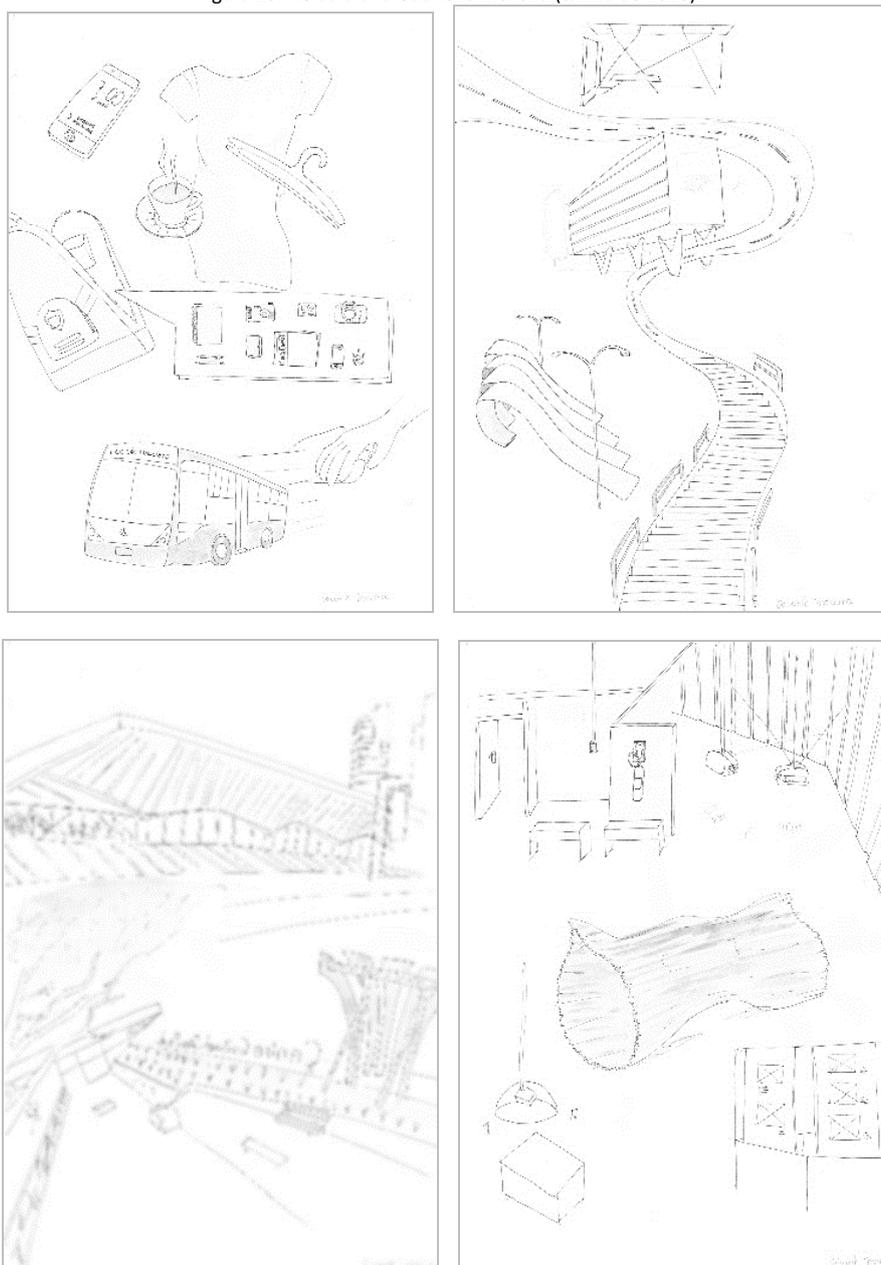
Figura 09: RG da aluna Thamara Nadais (turma de 2010).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2010.

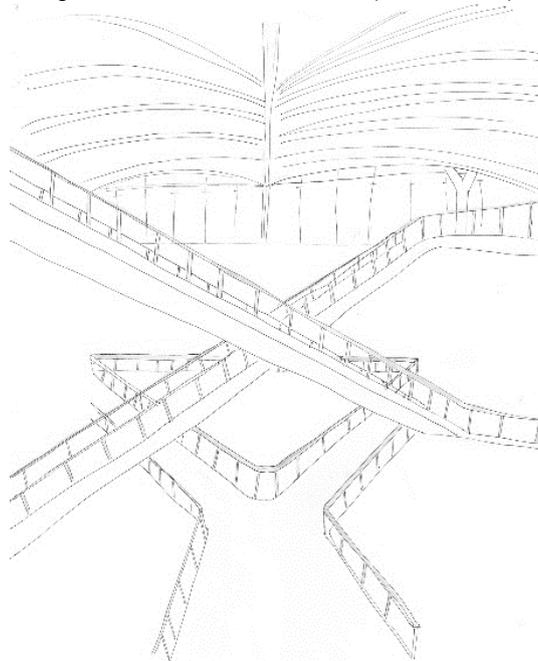
As figuras 10 a 13 apresentam registros realizados no Centro Cultural São Paulo:

Figura 10: RG da aluna Gabrielle Moreira (turma de 2013).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Fig 11: RG da aluna Gabrielle Moreira (turma de 2013)



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Nos desenhos acima (figuras 10 e 11), de autoria da aluna Gabrielle Moreira, percebemos claramente a intenção de registrar do processo. Os preparativos para a visita ao edifício e o percurso realizado pela aluna ganham destaque (de uma série de cinco pranchas, duas são dedicadas à questão) e o primeiro ponto de destaque do edifício desenhado é o grande terraço do qual se descortina a cidade e a grande avenida de acesso. Intuitivamente esta aluna compreendeu a gênese do edifício que tira partido de sua localização peculiar para se apresentar à cidade.

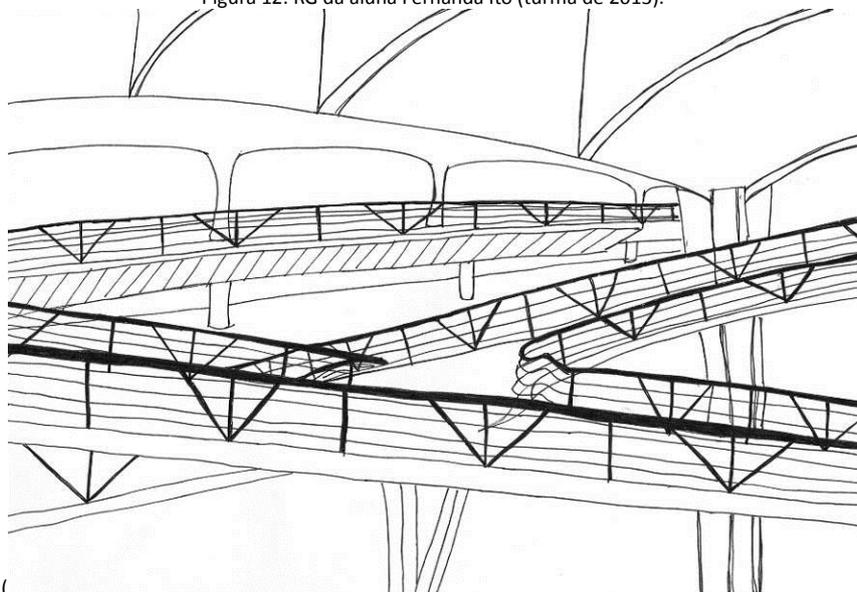
A narrativa ainda revela a força do espaço expositivo, daquilo que é contido pelo espaço, e por fim, apoteoticamente, apresenta o grande vazio, coração do edifício, com suas rampas e percursos.

Os desenhos são secos e diretos, poucas linhas seguras e despidas, com pequenos aguados de aquarela (que infelizmente se perdem na reprodução digitalizada em preto e branco).

Pode parecer banal, mas estas pequenas constatações revelam a identidade do aluno e, ainda que timidamente, o desenvolvimento de uma “caligrafia” pessoal. Mais que um estilo de traço, uma maneira de olhar.

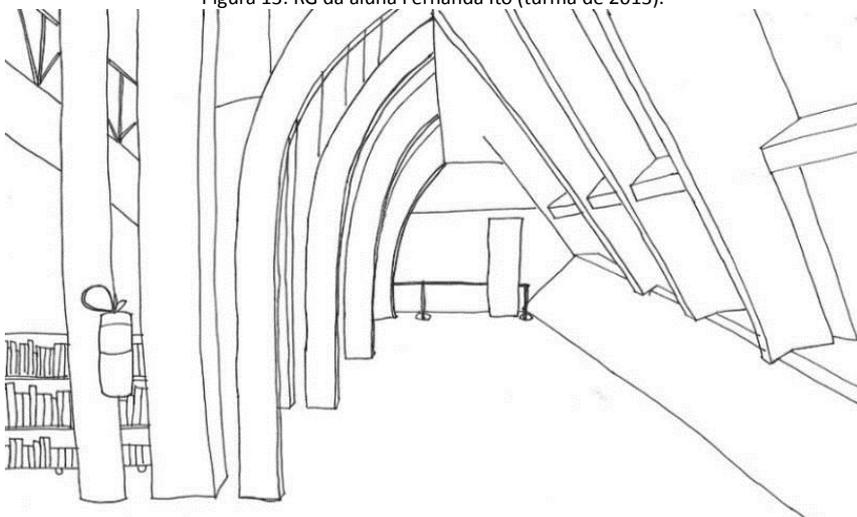
Apenas como contraponto, nas figuras 12 e 13, são apresentados diferentes registros de uma aluna da mesma turma e que, optando pela leitura do mesmo edifício, o faz de maneira distinta, com visuais mais panorâmicas, ainda que o inevitável vazio central do edifício seja também protagonista.

Figura 12: RG da aluna Fernanda Ito (turma de 2013).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013.

Figura 13: RG da aluna Fernanda Ito (turma de 2013).

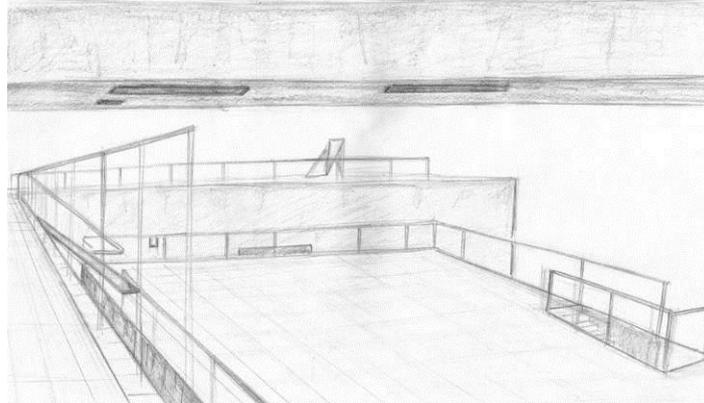


Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013.

Nos desenhos acima (figuras 12 e 13) percebe-se claramente, que o desenho foi “passado a limpo” a caneta, sobre os esboços originais a lápis, o que revela ainda algo da personalidade e método da autora. O aluno tem total liberdade de produzir seu registro a partir de um método pessoal, onde a única exigência é a vivência “in loco”.

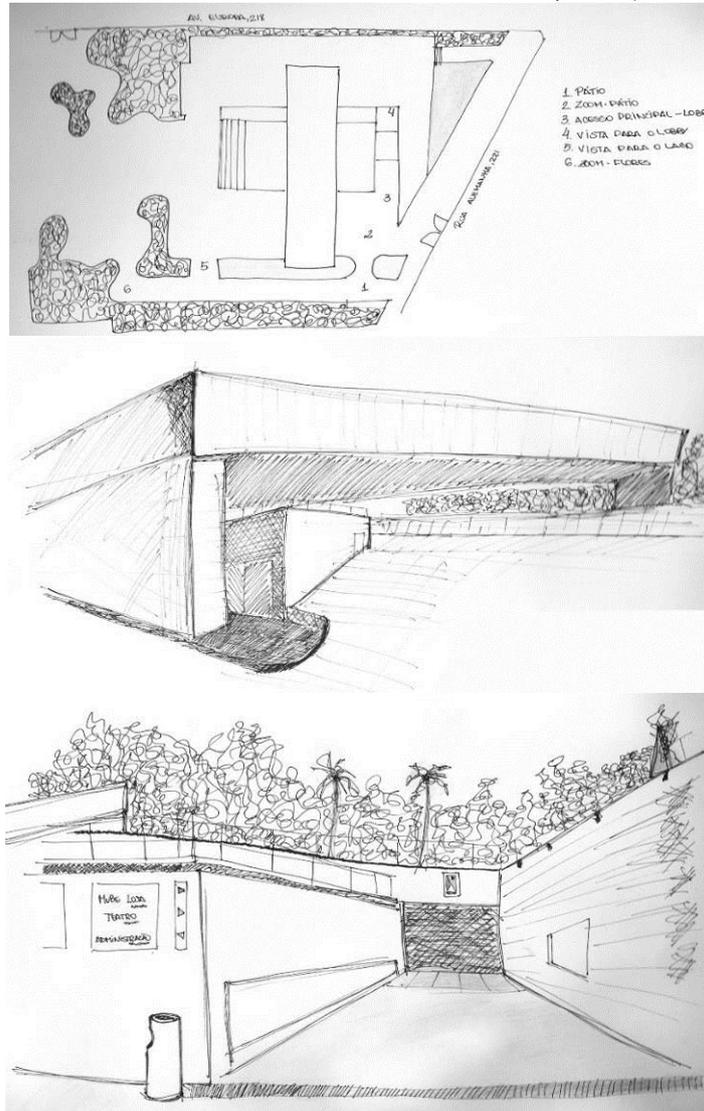
A seguir (figuras 13 a 23), registros do Museu Brasileiro da Escultura, Estádio do Pacaembu / Museu do Futebol e Memorial da América Latina:

Figura 13: Museu Brasileiro da Escultura (MUBE). RG do aluno Filipe Fiaschi (turma de 2013).



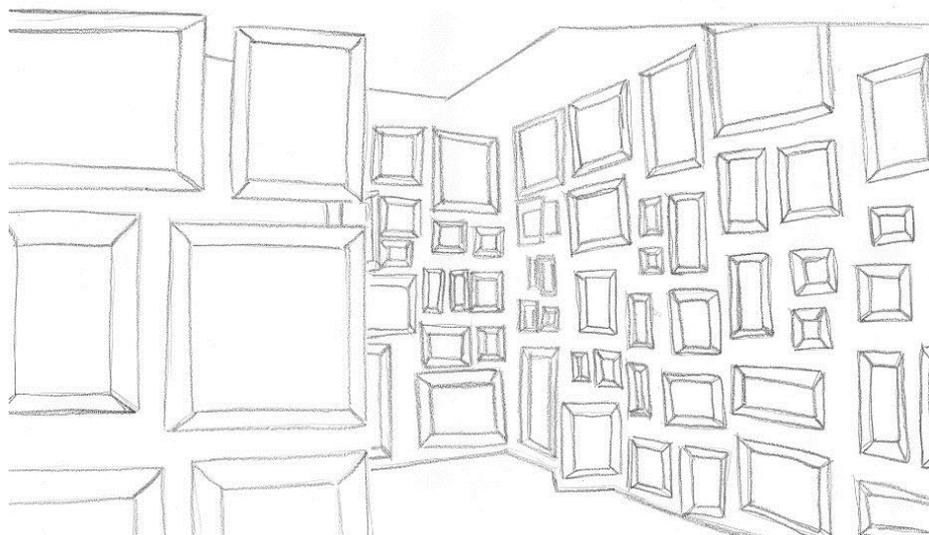
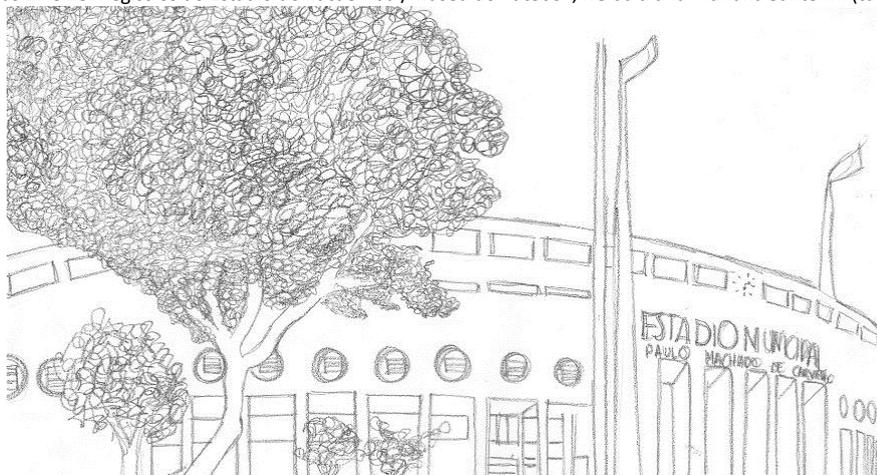
Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Figuras 14,15 e 16: Museu Brasileiro da Escultura, RG da aluna Thammy Nozaki (turma de 2013).



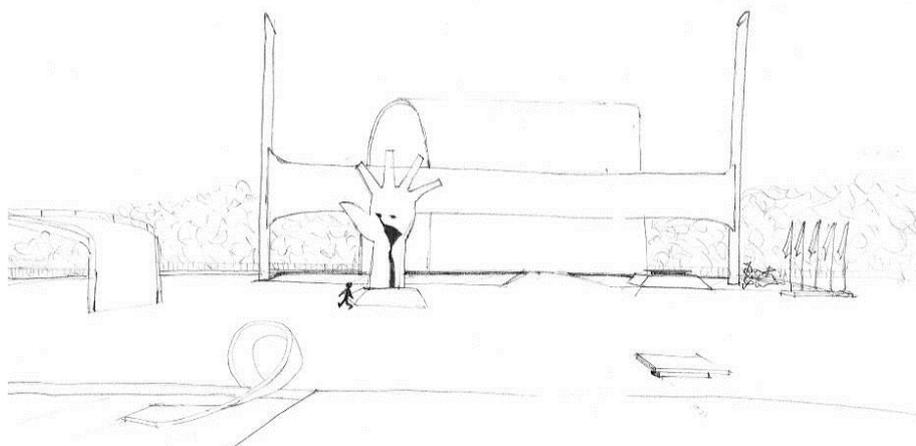
Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Figuras 17 e 18: Registros do Estádio do Pacaembu /Museu do Futebol , RG da aluna Mariana Santerini (turma de 2013).



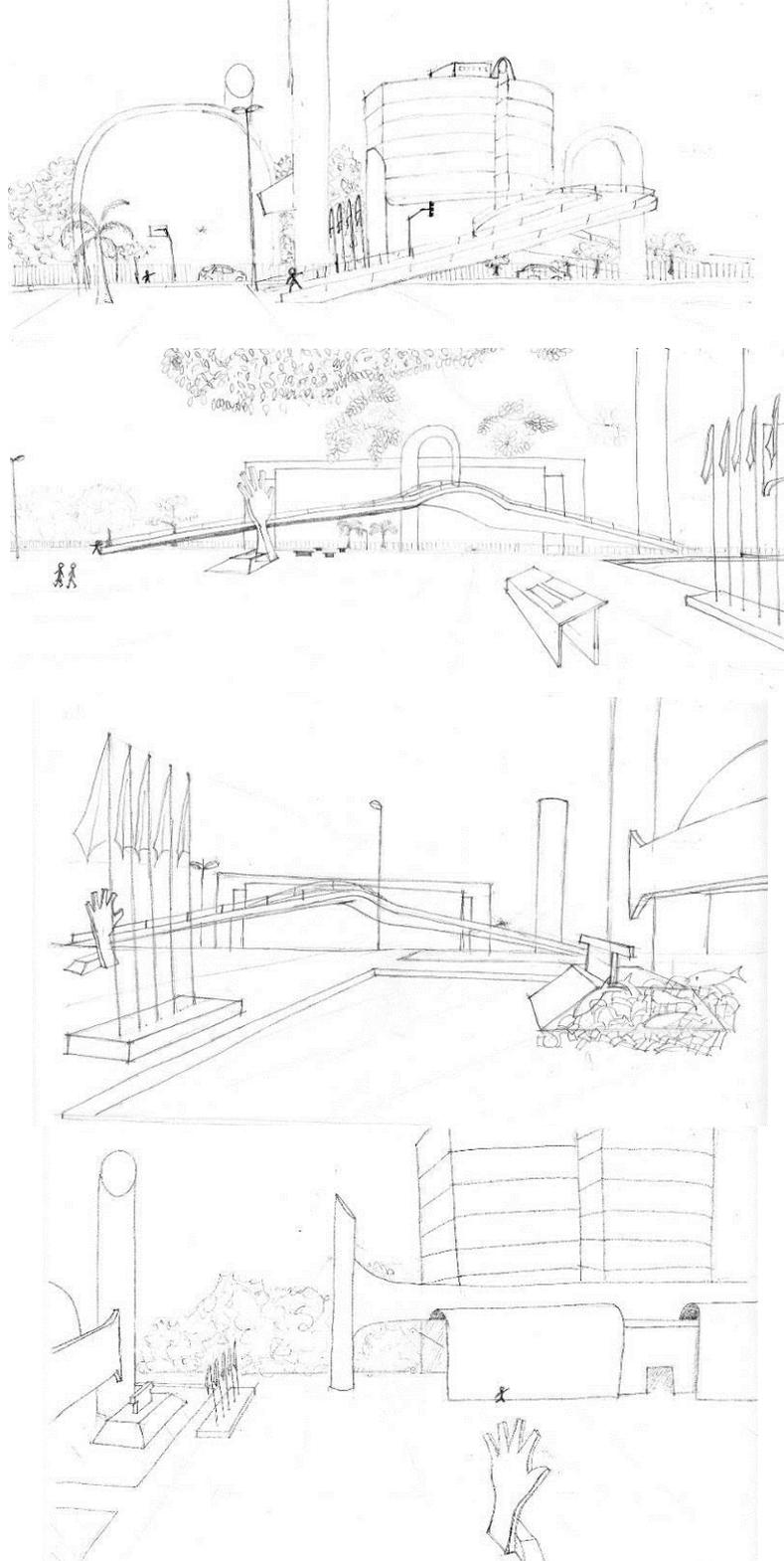
Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Figura 19: Memorial da América Latina - RG da aluna Maysa Torres (turma de 2013).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Figuras 20, 21, 22, 23: Memorial da América Latina - RG da aluna Maysa Torres (turma de 2013).



Fonte: registro de aulas / acervo pessoal da autora, 2013

Ao observar os resultados desta pequena série de desenhos realizada por nove jovens estudantes, podemos afirmar que o exercício proposto consegue responder de maneira satisfatória a várias de suas premissas e objetivos, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento da curiosidade e da autonomia.

Ainda que de maneira muito tímida, o aluno, ao ser convidado (desafiado) a elaborar um relato gráfico sobre um objeto (edifício) dá início ao processo de construção de uma linguagem autoral e compreende a importância do desenho como instrumento de registro, percepção e análise do universo físico que o cerca, mas alguns pontos merecem atenção:

- A eleição de um edifício isolado como objeto de estudo parece induzir a um certo descolamento da cidade, que o exercício buscava revelar. A ação acaba funcionando como provocadora de futuras aproximações, porém, nos registros apresentados os edifícios poucas vezes aparecem contextualizados.
- O mesmo isolamento acontece com a relação dos espaços com seus usuários. Poucos desenhos introduzem a figura humana nos espaços, o que funcionaria como importante elemento de percepção.
- Prevalcem nos registros os enquadramentos similares aos realizados com máquinas fotográficas (e também a intenção de retratar os objetos de maneira o mais realista possível). A representação ainda é bastante literal, o que por vezes pode levar a uma incômoda padronização.
- Mesmo instigado a desenvolver uma linguagem própria e a evitar julgamentos de valores, a experiência em sala de aula revela ainda a inevitável necessidade de auto afirmação e comparação de resultados.

3.

O desenho livre e pessoal (croqui) é importante ferramenta estruturadora do pensamento que permite a transposição daquilo que é um sentimento interior, a percepção, para uma construção que participa uma compreensão de mundo e a revela para os interlocutores mais diversos, assumindo um caráter de limiar entre as diversas possibilidades expressivas e cognitivas.

Este domínio, fundamentado na liberdade expressiva de cada aluno, será fundamental para a construção de sua trajetória e é neste contexto que, ao final do primeiro semestre do curso, com a experiência acumulada na disciplina e que é sintetizada no desafio lançado pelo exercício de reportagem, o aluno, de alguma forma, encontrará sua “voz” (ainda que timidamente) e a partir desta vai construir seu percurso de aprendizagem.



REFERÊNCIAS

- ARTIGAS, João Vilanova. *Caminhos da Arquitetura*, São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- CARERI, Francesco. *O caminhar como prática estética*, São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2013.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*, São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FAROLDI, E., VETTORI, M. P. (org). *Diálogos de Arquitetura*, São Paulo: Siciliano, 1997.
- NOVAES, Aduino. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SAINZ, Jorge. *El dibujo de arquitectura: Teoría e historia de un lenguaje gráfico*. Barcelona: Reverté, 2005.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*, São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ROBBINS, Edward. *Why architects draw*. Massachusetts: MIT Press, 1994.
- RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira. *O desenho: ordem do pensamento arquitetônico*. Lisboa: Estampa, 2000.